



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 6 DE SETEMBRO DE 1956

NO PÁTIO DO EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO, AOS ESTUDANTES CONCEN-
TRADOS EM CELEBRAÇÃO DA INDEPEN-
DÊNCIA.

Nas comemorações da Semana da Pátria, êstes 715
dois últimos dias, o de hoje e o de amanhã são os
pontos altos e culminantes.

Hoje, com a mocidade estudantil, juventude que 716
se prepara para as grandes obras culturais e cientí-
ficas de utilidade geral, concentrada em hinos e cantos
às portas do seu Ministério da Educação; amanhã, com
a mocidade dos quartéis a marchar nas ruas, no garbo
das suas atitudes de soldados e na firmeza de suas
disposições de garantias armadas da unidade, da inde-
pendência e da soberania da Pátria. Hoje, o dia da
mocidade, da juventude, dos estudantes dos colégios,
que a êste local acorrem e que agora contemplo na
paisagem artística dêste original edifício de tão signi-
ficativo valor arquitetônico e de tão evidente espírito
brasileiro. E diante de vós, jovens estudantes a cons-
tituírem esta Festa da Mocidade na véspera do Dia
da Pátria, como numa cerimônia de antecipação e vi-
gília, o que ocorre fixar em primeiro lugar, como signi-
cado de vossa presença, é que sois uma realidade nova
num horizonte largo de esperanças e expectativas fe-
lices; o futuro de um país, que não está murchando
dentro do passado e que encontra em si mesmo, com a
colaboração leal e pacífica de outros povos, as fôrças

e os recursos suficientes para se transformar numa das nações mais ricas e mais poderosas do mundo, colocada na vanguarda da situação internacional. Contemplo-vos e falo-vos, meus jovens amigos e patrícios, com sentimentos de esperança quanto à mentalidade que representareis no futuro e com sentimentos de confiança no vosso trabalho, ação, capacidade e patriotismo.

717

Amanhã, num espetáculo de outra natureza, é também a mocidade brasileira que estará nas ruas por ocasião da tradicional, famosa e bela parada militar de Sete de Setembro. Muitos de vós, quando em serviço militar, estareis lá formados, nessa confraternização que tanto contribui para o entrelaçamento de civis e militares. E muitos daqueles que vereis amanhã a desfilar pela cidade, se apenas convocados para o serviço militar, e não especializados nos institutos militares ou consagrados à vida nos quartéis, serão em breve vossos companheiros na vida civil, sempre iguais em seus propósitos, pois não há, em nossa civilização, fronteiras ou separações entre o soldado e o cidadão, que ambos formam o patriota, o homem brasileiro, sempre disposto, quando bem formado e bem intencionado, a colocar o interesse nacional e a riqueza da sua pátria acima de tudo. E à frente dos soldados, a comandá-los, vereis chefes militares e oficiais que deveis aprender a estimar e valorizar pelo que êles representaram outrora para a independência política do Brasil e, em todos os tempos, para a segurança coletiva e a estabilidade da nossa Pátria em suas fronteiras soberanas. E, neste momento, vereis nas Fôrças Armadas, como estamos vendo, uma consciência vigilante e uma compreensão perfeita de que a independência política de um povo, sendo uma etapa de sua evolução, acabará por transformar-se em mera sombra e ridícula ficção, se não fôr completada com a emancipação econômica e a dignificação social dêsse mesmo povo.

718

Na verdade — e estas palavras desejo dirigir aos jovens ainda mais como advertência do que como lição

— o direito da liberdade individual é um bem sagrado e a democracia política é um conceito de valor insubstituível, mas não vos esqueçais de que tanto a liberdade individual como a democracia política só podem subsistir nos dias de hoje — e queremos que subsistam e se fortaleçam — desde que tenhamos a coragem e a decisão de a uma e a outra ajuntar a grandeza nova, mas já consagrada, de um programa social.

Por outro lado, um programa social, para beneficiar ao mesmo tempo a nossa gente e a nossa terra, deve concentrar-se na obra de libertação econômica e financeira do Brasil, com o aproveitamento e a utilização das nossas riquezas de solo e subsolo. E por isso é que me empenhei no meu programa de candidato à presidência da República, e por isso é que me empenho hoje, como chefe do governo e chefe do Estado, na causa da libertação econômica e social do Brasil, tanto dentro das nossas fronteiras como no ambiente internacional. Sinto-me cada vez mais fortalecido neste propósito e neste ideal, pela solidariedade e colaboração de todos os meus auxiliares como do povo brasileiro. E esta é a tarefa, a causa, a campanha nacional da nossa geração e do nosso século. Ao século XVIII, coube a afirmação do espírito de autonomia local; o século XIX, a realização e consumação da independência política; a nós, homens deste governo e neste século XX, tocou-nos o destino privilegiado, se soubermos ser dignos dêle, de conquistarmos para o Brasil a emancipação econômica como etapa final do movimento da independência que se iniciou — e com que emoção o relembro — nas terras de Minas Gerais e se exprimiu, depois, vitoriosamente no episódio de 7 de setembro de 1822. Espero ficar à altura desse destino. Espero e estou certo de que todos — e sobretudo a juventude — ficarão igualmente à altura desse destino nacionalista e patriótico.

Temos a convicção de que só por intermédio de uma política de interesse nacional poderemos tornar o

719

720

nosso povo mais feliz e os nossos homens mais livres tanto social como economicamente. Mas o puro e nobre e inteligente nacionalismo não se confunde com xenofobia. Da mesma maneira que a independência política de uma nação não significa isolamento dentro das próprias fronteiras ou hostilidade aos demais povos — assim também o nacionalismo não significa animosidade contra os estrangeiros, nem a recusa aos intercâmbios econômicos ou relações financeiras com os países mais ricos em dinheiro ou mais favorecidos em valores econômicos. Desejamos, ao contrário, a colaboração de todos os povos, principalmente os do nosso hemisfério; acolhemos e estimulamos sempre a entrada de capitais estrangeiros em nossa pátria. Todos os estrangeiros que vierem para cá sem propósitos de subordinação ou inferiorização do nosso povo, todos os estrangeiros que vierem colaborar conosco e valorizar a nossa terra em harmonia com a sua — estes serão bem vindos e bem recebidos, sem reservas ou agressividade, antes com afeto e cordialidade. Não somos isolacionistas, não somos xenófobos, não somos prisioneiros de nenhuma atitude mesquinha de inveja e de nenhum sentimento estreito de temor ou rancor ante os outros povos, ante qualquer outro povo. Mas somos, isto sim, defensores dos interesses do Brasil, numa orientação patriótica que está bem de acordo, aliás, com o espírito e as tendências da nossa época.

721 E pergunto nesta altura: só da nossa época? Lembro-me, a propósito, dos pródromos da nossa Independência. Debruço-me na História para evocar e rever o movimento idealista da Inconfidência Mineira. É um privilégio para mim — sendo um presidente da República e um homem de Minas Gerais, e sendo vós estudantes — poder evocar hoje aquelas figuras de universitários, em sua maioria mineiros, que sonhavam na Europa, cursando escolas francesas, com a independência do Brasil, como autênticos e juvenis precur-

sores, bem antes do desfecho de 1822, e antes mesmo da Inconfidência em Vila Rica.

Todos tinham os olhos voltados para a recente e já tão vigorosa e próspera república norte-americana. Por isso, um desses admiráveis estudantes brasileiros decidiu-se, certa vez, a procurar Thomas Jefferson, então todo-poderoso embaixador dos Estados Unidos da América na França, a fim de pedir o apoio e o auxílio dos norte-americanos para a nossa independência. Estava Jefferson em condições de falar em nome de sua pátria, pois era um dos construtores da estrutura política e jurídica dos Estados Unidos da América, como doutrinário e líder de um dos seus grandes partidos. Pareceu evasiva a sua resposta, mas na verdade foi uma palavra prudente, justa e realista aquela que o embaixador norte-americano dirigiu ao nosso jovem estudante: — “Os Estados Unidos da América não podem nem devem intervir em assuntos internos e particulares do Brasil. Mas, se os brasileiros empreenderem um movimento pela independência de sua pátria, contarão com a simpatia dos Estados Unidos da América e, se realizarem a sua independência, contarão com o nosso apoio e a nossa colaboração”.

E assim aconteceu. Fizemos por nós mesmos a nossa independência política, e contamos em seguida com a compreensão dos outros povos do ocidente, principalmente dos Estados Unidos da América e da Inglaterra. Agora, o que desejamos e queremos é ampliar, aprofundar e engrandecer o movimento daquela heróica e histórica Independência que estamos comemorando. Por certo, a palavra de Jefferson continua viva e presente na política atual dos Estados Unidos da América. É do interesse do nosso continente e da civilização ocidental que se processem o progresso e a emancipação de todos os povos americanos — garantias em cada país daquela paz e daquela ordem tão necessárias à defesa do nosso hemisfério e à se-

722

723

gurança das democracias ocidentais, em cuja vanguarda se encontram os governos e os povos do nosso continente, todos unidos num sistema de compreensão e de colaboração. Na verdade, êste é o conteúdo do pan-americanismo, conforme ficou demonstrado ainda recentemente, na Conferência do Panamá, quando todos os povos americanos participaram mais uma vez de uma magnífica confraternização continental, partindo do princípio da igualdade e da soberania de todos os nossos países.

724 E entre nós, ainda e muito oportunamente, lembro-vos o exemplo de José Bonifácio de Andrade e Silva, conselheiro do príncipe Dom Pedro e patriarca da nossa Independência: o seu nacionalismo não se chocava com o universalismo de sua cultura de homem formado e vivido na Europa; o seu patriotismo parecia até encontrar seiva e fôrça em sua capacidade de comunicar-se com o estrangeiro e aceitar, e até procurar, a comunicação com outros povos. Exemplo do Império, que se completa, na República, com o do Barão do Rio Branco, patriota flamante e nacionalista intransigente, estabilizador do mapa geográfico do Brasil, sempre voltado e sempre a defender a soberania brasileira, tanto nas fronteiras físicas como nas questões políticas ou econômicas, sendo ao mesmo tempo um chanceler que estabeleceu, como nunca, laços de fraternidade, compreensão, intercâmbio e comércio entre o Brasil e os outros povos.

725 E se vos lembrei e evoquei êstes exemplos históricos — estudantes realizadores e componentes desta Festa da Mocidade — é que sei quanto sois sensíveis ao fascínio e às sugestões da História — hoje, como ontem, a grande “mestra da vida”, na clássica definição de Cícero. Atentai bem: o que ela nos ensina em nossos dias é que as nações só valem e só contam pela sua soberania, e soberania não apenas como fórmula jurídica, mas como realidade política, econômica e social.

Quando a mim, meus jovens patrícios, foi isto principalmente o que jurei defender: a independência, a soberania, os interesses nacionais do Brasil. E a esta causa estou dedicado inteiramente, esquecido de mim mesmo e de tudo que haja em mim de pessoal. Neste dia consagrado à comemoração da Pátria numa Festa da Mocidade — é com emoção que vos recordo êste voto que fiz de dedicar-me à grandeza do meu país e doar a minha pessoa ao serviço do meu povo. É que julgo o nosso povo, principalmente a mocidade, capaz de compreender o significado dêste voto patriótico, porque o idealismo é o seu estado de espírito, e o amor ao Brasil é a tônica dos seus sentimentos altos, nobres e generosos.